

Artífices coleção



Edir Guerra Malagoni

TARDES DO NADA

EDIR GUERRA

MALAGONI



T
A
R
D
E
S
D
O

N A D A

poemas

CAPA DA NOVA EDIÇÃO

Ilustração a partir de trabalhos em xilogravura produzidos por estudantes do curso Técnico em Modelagem do Vestuário – Educação de Jovens e Adultos, parte do acervo da Galeria de Artes e Oficinas (Galo) do Câmpus Aparecida de Goiânia do IFG.

CAPA DA PRIMEIRA EDIÇÃO

Criação do artista plástico Tancredo Araújo.

Artífices^{coleção}



Edir Guerra Malagoni

TARDES DO NADA

ISBN 978-85-67022-57-4

© 2021 Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás.

Os textos assinados, no que diz respeito tanto à linguagem quanto ao conteúdo, não refletem necessariamente a opinião do Instituto Federal de Goiás. As opiniões são de responsabilidade exclusiva dos respectivos autores.

É permitida a reprodução total ou parcial desde que citada a fonte.

M236	Malagoni, Edir Guerra. Tardes do nada Edir Guerra Malagoni. - Goiânia: Ed. IFG; João Pessoa: Ed. IFPB, 2021. - (Coleção Artífices). 160 p. ISBN 978-85-67022-57-4 ISBN (e-book): 978-85-67022-46-8 I. Literatura brasileira. 2. Poesia brasileira. I. Título. II. Coleção. CDD 869.1
------	--

Catálogo na publicação:

Maria Aparecida Rodrigues de Souza – Responsável CRB 1/1497

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Editora IFG

Avenida C-198, Qd. 500, Jardim América

Goiânia/GO | CEP. 74270-040

(62) 3237-1816

editora@ifg.edu.br

Impresso no Brasil

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO DA COLEÇÃO	9
A QUIMERA DE EDIR EM VOOS DE RETORNO	19
CRÍTICA DO CONSAGRADO POETA JESUS DE BARROS BOQUADY SOBRE A POESIA DE EDIR GUERRA MALAGONI	21
PREFÁCIO	
TARDES DO NADA É UM LIVRO DE ESTREIA	25
“TARDES”	31
DONDE VIM	33
CELEBRAÇÃO	35
POEMA DE NÓS	37
ELEGIA AO AMOR PERDIDO	39
À TUA VOLTA	41
ESTÓRIA	43
DESINTEGRAÇÃO	45
TEMPO TARDIO	47
PROJETO	49
IDOS	51
PRENÚNCIO DE POEMA	53

PERSISTÊNCIA	55
CONCLUSÃO	57
POEMA TRISTE	59
COMPREENSÃO	61
SERÁS MEU	63
IRONIA	65
CANÇÃO EM DIAGONAL	67
LAMENTAÇÃO	69
AOS RESTOS DE PRIMAVERA	71
NA FRESTA DO TARDE	73
DESTROÇOS	75
PASSÉ SIMPLE	77
PRELÚDIO	79
RETORNO	81
ALIENAÇÃO	83
SONATA DE AMOR	85
“DO NADA”	87
CONFISSÃO	89
EXTRATO DO SER	91
PROMESSA À CLARICE DIAS	93
TENTATIVAS	95
NÓS	97
ARREPENDIMENTO	99
EXPRESSÃO	101
REFLEXÕES	103
CAOS	105
NIHIL	107
MOMENTO	109
SE	111
TEMPO E TRANSFORMAÇÃO	113

CONTRIÇÃO	115
ENGANO	117
AOS QUE VIEREM	119
SOLIDÃO	121
CANTO DESCOLORIDO	123
ÂNCORA	125
PREVISÃO	127
INSATISFAÇÃO	129
POEMA DA ESPERA	131
INSTANTE	133
CULMINÂNCIA	135
CRIAÇÃO	137
DESPEDIDA	139

POSFÁCIO

**TONS DA POESIA DE EDIR GUERRA
ENTRE O TEMPO DAS “TARDES” E O
ESPAÇO “DO NADA”**

142

APRESENTAÇÃO DA COLEÇÃO

*Folheio o livro, pensativo e triste,
sorvendo os seus poemas, devagar...
Sondando, desnudando, ao meu olhar,
a alma que nestas páginas existe...*

A. G. Ramos Jubé, em "Semelhança".

Os senões, as imperfeições que lhes deslustram presentemente as obras, com o tempo, com a experiência e o aperfeiçoamento irão ficando para trás, motivo pelo qual não vacilamos, com os olhos no futuro, em dizer ao prezado leitor: folheie o nosso livreto.”¹ Esse excerto foi retirado de uma publicação de 1947. Naquele ano, em um dos pavilhões em *art déco* do prédio localizado no Setor Central da capital recém-fundada, funcionava a Seção de Artes Gráficas da Escola Técnica de Goiânia (ETG) com as oficinas de tipografia e encadernação. Com o apoio do diretor da Escola, foram impressos os três poemas vencedores do Primeiro Concurso de Poesias do Movimento Unificador dos Estudantes Goianos, depois de serem avaliados por nada menos que Bernardo Élis, Leo Lynce e Eli Brasiliense, três destacados nomes da literatura produzida em Goiás. Trata-se da publicação mais antiga de uma gráfica de cuja história partimos para compor esta apresentação.

¹ MUEG (Movimento Unificador dos Estudantes Goianos). *Primeiro concurso de poesias*. Goiânia: ETG, 1947. Não paginado.

A partir da inauguração e do batismo cultural de Goiânia em 1942, cinco anos depois de oficializada a transferência da capital do estado, alguns fatos mostraram-se decisivos para a conformação de um cenário literário na cidade. Um dos mais importantes consistiu na instalação da ETG, que representou a continuidade institucional da Escola de Aprendizes Artífices, a qual, desde 1910, estava em funcionamento em Vila Boa, a antiga capital. A contribuição para a produção local de literatura vinculou-se, sobretudo, às atividades do curso de Artes Gráficas. Como atesta o escritor Aidenor Aires (2010), “na gráfica da Escola, onde o ofício de gráfico ainda era aprendido com caixilhos de tipos móveis e uma fumegante linotipo a chumbo, confeccionavam-se vários livros de autores goianos”.² Em depoimento à Editora IFG, Vagner Jerson Garcia, ex-aluno do referido curso e filho de Odir Garcia, mestre linotipista da Escola, afirmou que a gráfica, a maior da Região Centro-Oeste até os anos 1960, cumpriu um importante papel social à época, uma vez que, por contar com o ofício dos aprendizes, conseguia oferecer serviços gráficos a baixo custo, o que facultava o caminho da publicação a quem dispunha de poucos recursos.³ Nesse contexto, a ETG foi a responsável por imprimir livros de prosadores e poetas em início de carreira, o que Aires (2010) exemplifica em seu depoimento:

2 AIRES, Aidenor. *Estrela nascente do anjo Gabriel*. Goiânia, 2010. Disponível em: <http://blogdoelius.blogspot.com/2010/11/estrela-nascente-do-anjo-gabriel.html> Acesso em: 20 mar. 2020. Não paginado.

3 COLEÇÃO Artífices. Goiânia: Editora IFG, 2019. Produção de Renata Rosa Franco, Bruno Fiorese, Vinícius Soares e Olliver Mariano Rosa. 1 vídeo (3min49s). Publicado pelo canal Editora IFG. Disponível em: <https://youtu.be/scRyR2hBEIM> Acesso em: 20 maio 2020.

Ali consegui o *Pássaro de pedra* de Gilberto Mendonça Teles. Pelos corredores passava a figura fina quase diáfana, flutuando com a Vênus de Botticelli, a poetisa Yêda Schmaltz, que editava *Caminhos de mim*. Também Edir Guerra Malagoni, com seu *Tardes do nada, Primeira chuva*, de Bernardo Élis, e outros. Teatro, poesia, música, oratória.⁴

Essa prestigiada atividade gráfica não começou apenas com produção literária. Em 1948, o relato policial de J. C. Canedo, *História de um crime ou o Crime de Aldeia*, recebeu uma segunda edição em razão de seu sucesso, o que, nas palavras do autor, devia-se, em alguma medida, “ao trabalho gráfico executado pelos artífices da Escola Técnica de Goiás, onde a arte e o gosto não se fizeram faltar”.⁵ Ainda na década de 1940, no mesmo ano em que colocava no prelo os poemas do professor José Lopes Rodrigues com o título *Vibrações* (1949), publicava uma obra de referência documental do historiador e geógrafo Zoroastro Artiaga, a *Monografia corográfica e histórica da nova capital de Goiás*.

Dois anos depois, em 1951, eram impressas as *Lendas de minha terra*, obra de Mário Rizério Leite contemplada pela Bolsa de Publicações Hugo de Carvalho Ramos, política de fomento à literatura goiana criada pela Prefeitura de Goiânia em 1943. Em 1955, Bernardo Élis apresentava seu único livro de poesia, *Primeira chuva*, com a inscrição “Tip. e Enc. da ETG”. Nesse mesmo ano, Gilberto Mendonça Teles, estreava sua longa trajetória na escrita poética com *Alvorada*, também forjada pelas mãos dos escolares linotipistas. No início da dé-

4 AIRES, 2010.

5 CANEDO, J. C. *História de um crime ou o crime de aldeia*. 2. ed. Goiânia: ETG, 1948.

cada seguinte, Teles continuou sua parceria com a gráfica dos artífices: publicou, em 1962, *Pássaro de pedra*, que recebeu o Prêmio Álvares de Azevedo, concedido pela Academia Paulista de Letras, e editou, em 1964, seu discurso de posse na Academia Goiana de Letras com o título “A poesia de Leo Lynce e o sentido simbolista da obra poética de Erico Curado”.

Os anos 1960 foram marcados por uma produção profícua, que traduzia o contexto de movimentação artístico-cultural de uma juventude criadora. Em 1963, Ciro Palmerston Muniz, Geraldo Coelho Vaz, Yêda Schmalz e Edir Guerra Malagoni participaram da criação do Grupo de Escritores Novos (GEN), que, até 1967, agremiou vozes que desejavam trazer mudanças à literatura goiana, sintonizadas com o movimento literário nacional e internacional. A gráfica da ETG tomou parte nesse processo quando levou do chumbo às páginas os livros desses quatro poetas, respectivamente: *Tempo maior* (1962), *Poemas de ascensão* (1963), *Caminhos de mim* (1964) e *Tardes do nada* (1965). No final da década, já com a marca da nova institucionalidade de uma autarquia da União, Escola Técnica Federal de Goiás (ETFG), vinham ainda à lume pelas mesmas tintas a coletânea de poemas da musicista Silvia Nascimento, *Madrugada* (1968), e a seleta de crônicas, contos e novelas de Nita Fleury Curado, *Vida* (1969). No início da década seguinte, a ETFG apresentava ao público a criação poética de Emir Omá (pseudônimo do poeta Euler de Amorim) por meio da segunda edição de *Aquarelas goianas* (1970) e do lançamento de *Flor de abril* (1971), as últimas obras que teriam sido impressas à época nas linotipos da Escola.

De todas essas obras foram selecionadas dez para representar a produção e compor a Coleção Artífices, que resgata não só a história do IFG e sua incursão no mercado editorial, mas também as marcas deixadas no estado quando

da transferência da capital e os sentimentos vividos naquelas décadas, literalizados nas páginas de diversos autores, muitos deles em suas primeiras obras. Apesar da personalidade editorial não ser prioritariamente literária, publicava-se todo tipo de material impresso, sendo a gráfica acessível àqueles que pretendiam divulgar seus escritos, a literatura se destaca neste primeiro período, principalmente por publicar as primeiras obras do que iriam se tornar grandes nomes da literatura nacional. Da materialização dessas obras, nasce a circulação e a divulgação dessas feita pelos jornais, pelos próprios autores, em saraus e encontros na capital goiana. Na livraria Bazar Oió, conhecida em Goiânia na época de publicação, nossos autores circulavam em diversos momentos e eventos. A importância de materializar uma obra literária naquele momento é perceptível ao se promover os escritores publicados pela ETG em jornais e revistas, não só do estado de Goiás, mas de São Paulo e em cidades como Brasília e, especialmente, Rio de Janeiro – centro urbano que naquele momento ainda era considerado uma forte referência como circuito cultural.

Naquele contexto, esse movimento dependia muito das relações sociais, políticas e literárias de cada autor. A republicação atual ganha um novo aspecto e novos suportes, o que permite uma ampla circulação e divulgação por meio das plataformas digitais. Nesse aspecto cabe a perspectiva de Le Goff, ao afirmar que “a memória, na qual cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro”.⁶ Republicar significa memorar e marcar a presença cultural de uma instituição centenária e a sua importância para a produção literária, ao mesmo tempo

6 LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas, SP: Unicamp, 1999, p. 471.

que representa a afirmação da literatura goiana no cenário da literatura brasileira, o que é favorecido capilaridade da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, mesmo que a obra dos autores de Goiás ainda careça de reconhecimento em âmbito nacional.

Antonio Candido, no prefácio de 1957 à primeira edição do seu livro *Formação da Literatura Brasileira*, inscreve o seu apreço a nossa literatura na base do estudo apresentado. Embora à época tenha visto a literatura brasileira como “galho secundário” da portuguesa, esta por sua vez, menor no “Jardim das Musas”, Candido diz que “Se não for amada (a literatura), não revelará a sua mensagem; e, se não a amarmos, ninguém o fará por nós.”⁷ O que nos interessa da afirmação de Candido não é a visão sobre o lugar ocupado pela literatura brasileira no conjunto da literatura ocidental. Mesmo porque, passados mais de sessenta anos da publicação, e já àquela época, temos obras que fazem frente a mais qualificada produção literária da Europa e das Américas. O que chama a atenção é a disposição afetiva colocada no gesto do crítico e a responsabilidade ética que ele demanda para o leitor e o estudioso de se debruçar sobre a nossa literatura.

A lembrança dessa passagem do livro de Candido vem a propósito do que temos a dizer sobre a literatura goiana, que teve na gráfica da ETG sua primeira casa editorial efetivamente de Goiás. Ela surge com *O Ditirambo às Ninfas Goyanas*, que é tido como um canto de encômio feito pelo professor de latim e poeta Antonio Cordovil ao Governador da Província Tristão da Cunha Menezes. Nos registros consta a publicação de Cordo-

7 CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos: volume 1: 1750-1836*. 8. ed. Rio de Janeiro: Itatiaia, 1997. p. 10.

vil entre 1792 e 1800. A considerar esse marco, temos, então, uma literatura com cerca de 220 anos, que nasce sob a égide da implantação da educação em Goiás, tendo em vista que Cordovil veio para cá com a função de ministrar aula de latim em Meia-Ponte, hoje Pirenópolis. Uma literatura relativamente jovem que só vai constituir-se como tal no final do século XIX e no início do XX, quando podemos perceber uma produção modestamente acolhida por um público leitor, especialmente na capital da Província e, depois da República, capital do estado, onde havia uma vida cultural intensa.

É esse contexto literário que, passado um pouco mais do seu centenário, produziu *Tropas e boiadas* (1917), de Hugo de Carvalho Ramos, uma das mais originais coletâneas de contos já à época reveladores dos contrastes entre o urbano e o rural, entre o progresso e uma cultura sertaneja forte presentes até hoje na identidade do povo brasileiro. Carvalho Ramos ganhou a cena nacional, mas contemporâneos seus ficaram à meia-luz como os poetas Félix de Bulhões, Luiz do Couto, Gastão de Deus, Augusto Rios e a poetisa Leodegária de Jesus. Sem citarmos Cora Coralina que já mostrava seus primeiros escritos nos jornais e nos saraus.

Só mais tarde, com a mudança da capital e a construção de um contexto cultural embalado pela ideia de modernização, com agentes fomentadores e meios de produção criados, como a gráfica da Escola Técnica de Goiânia, é que a literatura goiana incorporou-se e desenhou com mais força seu percurso até os dias de hoje. É essa literatura, em cuja linha histórica percebemos as lacunas, o esquecimento e tantos silêncios, que a posição amorosa de Antonio Candido citado anteriormente nos serve para nos ensinar a valorizar e demonstrar nosso apreço a partir de sua leitura, de seu estudo e de sua partilha. O que a Coleção

Artífices aqui apresentada propõe é trazer, às leitoras e aos leitores contemporâneos, poetas e escritores que impulsionaram a literatura goiana para ser o que ela é hoje: digna de ser lida e de ser examinada pelos leitores e bons críticos do estado de Goiás. A gráfica da ETG ao publicar esses autores no passado, assumiu protagonismo na história da literatura goiana, contribuindo para a sua afirmação e difusão. E, agora, ao reeditá-los, abre o espaço que lhes pertence por direito no tempo presente e nos convoca para a leitura que exige o dever de “passar a limpo os autos do passado”.

Em 1947, aquele que apresentava o pequeno livreto de poesia ressaltou a qualidade dos poemas apresentados na ocasião. Dos três jovens poetas, apenas A.G. Ramos Jubé, que galgou o segundo lugar do concurso estudantil com o poema “Semelhança”, notabilizou-se nas letras goianas. Élis, Lynce e Brasiliense apontam-lhe os acertos. Não saberíamos dessa relação entre gerações de escritores goianos se não fosse as artes das oficinas de tipografia e encadernação da Escola. Como os estreates na poesia, eram também aprendizes muitos dos que trabalharam na artesanaria dos tipos para compor a mancha gráfica dos poemas e das narrativas impressas na gráfica da ETG/ETFG dos anos 1940 aos anos 1970. Cá e acolá catam-se gralhas e pastéis, comuns ao ofício na linotipo, mas os erros tipográficos não nos impedem de ler e de apreciar as palavras reveladas pela mãos dos artífices da prensa. A eles temos de prestar uma justa homenagem, porque nos legaram a possibilidade de conhecer livros que poderiam ter restado no silêncio.

Com essa homenagem, conectamos dois tempos e dois mundos, o que se materializa, inclusive, no projeto gráfico dos dez livros: suas capas originais, cuja imagem está reproduzida no interior das reedições, dividem espaço com as novas capas, resultantes da recriação de desenhos produzidos em xi-

logravura por alunos do IFG/Câmpus Aparecida de Goiânia como parte das atividades da Galeria Artes e Ofícios, a qual, em seu nome e em sua prática, rememora a artesanaria de outrora.

A transposição espaço-temporal acontece também na composição das novas edições: reunimos à poesia ou à prosa dos escritores goianos prefácios de vozes célebres da cultura goiana, posfácios críticos de estudiosos da literatura do IFG, da UFG, da UEG e de outras instituições parceiras e, por fim, a reprodução de matérias jornalísticas veiculadas sobre os livros à época de sua primeira publicação, a maioria delas gentilmente cedidas pelo jornal *O Popular*. A todos os que colaboraram para tornar possível essa rica composição, registramos nosso agradecimento, sobretudo aos autores e familiares que cederam os direitos de publicação à Editora IFG.

Numa ou noutra das obras desta coleção que ora apresentamos, alguns poderão acusar fragilidades poéticas ou mesmo ideias anacrônicas, contudo ninguém poderá retirar-lhes o mérito de ter contribuído para edificar e fortalecer a literatura goiana e, assim, para promover a leitura literária em Goiás – movimentos imprescindíveis para a valorização intelectual de nosso povo. Com vistas a essa dinâmica, a Editora estabeleceu sua estratégia de distribuição: toda a tiragem segue das gráficas para as estantes de bibliotecas públicas. Parafraseando os excertos que abrem esta apresentação, nós, os organizadores da Coleção Artífices, não vacilamos em convidar os prezados leitores, sobretudo os estudantes, a folhearem, com os olhos no futuro, cada uma das obras, sorvendo, sondando, desnudando a memória, a cultura, a história que nestas páginas existem.

OLLIVER MARIANO ROSA

MARCELA FERREIRA MATOS

GOIANDIRA ORTIZ DE CAMARGO

COORDENADORES DA COLEÇÃO ARTÍFICES

A QUIMERA DE EDIR EM VOOS DE RETORNO

A VER e senti-las, com os olhos de nirvana, são imagens que se movimentam diáfanas, dentro do texto poético: o ser do poema. Aladas, inclusive, na mira de quem a ingere, deglute, degusta e ama. Neste particular, de absoluta individualidade, a poeta Edir Guerra Malagoni constrói, em todas as expressões imagéticas de sua poesia, uma arte poética excepcional, com rútilos de esmero e meiguices; reatizando assim o braseiro das emoções que pululam subterrâneas no orbe de nossas almas.

E volto-me a enfatizar: é uma poesia com leveza de cânticos, tem mensagens que irradiam júbilos e otimismo; é cantante, comove e ilumina. Uma linguagem, portanto, nitidamente temperada pelo sentimentalismo gitano de Lorca e a angústia solitária dos monólogos de quem se revela cansada/ de tocar chopin/ e olhar chorando/ a vida amanhecer/ na eterna noite.

E vai, ainda, que eu insisto em martelar as rédeas do enfático, e novamente repito: a poesia de *Tardes do nada*, de Edir Guerra Malagoni, é uma poesia que faz acontecer a ternura, chora e chove (lirismo), num colóquio de estrelas, que vêm respirar na carne das palavras, entoando o canto de sua mensagem. É poesia que flagra poesia, poesia que gera poesia, faz poesia e, sobretudo, devolve poesia à poesia da vida. De parelha com a espontânea originalidade de sua inspiração, na maioria das vezes, convergida para a linguagem das íntimas confidências: um dia me cansarei/

de beijar os cabelos da lembrança/ e multiplicar o tédio.

O simples fato de eu transcrever esses versos, para dentro desse texto de caráter impressionista — impressões de leitura — provoca-me uma comoção de arrepios cósmicos na alma. E me dá vontade de escrever poesias.

O jeito manual de ser poeta, na composição destes revérberos líricos, que alumbram as páginas de *Tardes do nada*, reacende nos âmagos do meu estro, este salomônico veio literário, que li na juventude e jamais esquecerei. E que, por mero extravio da revolução editorial, no mercado livreiro do país, este cacho de rútilos poéticos, ficou à mercê dos acontecimentos da mídia, durante mais de meio século; e só agora, num soleníssimo gesto de louvor à poesia goiana, a nossa heroica Escola Técnica de Goiânia (hoje Instituto Federal Goiano) traz a lume o referido livro da década de 1960, em resgate literário digno de calorosos aplausos.

Gabriel Nascente

Poeta e jornalista goiano, autor de mais de 60 livros.

EDIR GUERRA MALAGONI TARDES DO NADA – POEMAS

Crítica do consagrado poeta Jesus de Barros
Boquady sobre a poesia de Edir Guerra Malagoni:

A leitura de *Tardes do nada*, livro de poemas de Edir Guerra Malagoni, fornece, em primeiro lugar, motivos para preocupação no que tange ao aspecto forma/conteúdo da realização estética. Preocupação que não é meramente acadêmica, porquanto importante demais no plano da atualidade artística. Johannes Pfeiffer, em “La poesía” (“Breviarios” – Del Fondo de Cultura Económica), acentua: “la poesía ‘original’ se da únicamente cuando hasta lo ‘más exterior’ tiene una significación interna, y cuando hasta lo ‘más íntimo’ se convierte en forma. Hemos tratado de educar en nosotros, con el ejemplo de la lírica, la única actitud que consiste en comprender el contenido a través de la forma y en comprender la forma a través del contenido en recíproca vinculación”.

Eis que os poemas de Edir, a par de uma preocupação formal, revelam na Autora o apronto íntimo, a necessidade de ela dizer-se na categoria da “iluminación del ser”, da “concentración” e da “verdade del sentimiento”, de que fala o ensaísta citado.

Com efeito, posso referir que deixei entusiasmado com as belezas de seu livro a leitura amena que essa jovem me propiciou. Há indícios, que se cumprem já, de que Edir Guerra Malagoni alcançará a meta que lhe

está preparada: a da consagração como valor novo de Goiás. Não é fácil ao comum das pessoas atingir tal objetivo, porém à criadora de *Tardes do nada* realizar-se em Lírica maior é o que se deve atribuir como escopo de que ela só se livrará se lhe faltarem as oportunidades que a Vida de vez em vez nega aos escolhidos. Porque Edir tem condições para a vitória, possui a marca dos seres que criam. E generosamente.

*À dileta amiga
Heloisa Helena Leão Veloso*

*À querida sobrinha e afilhada
Laurize Guerra Fernandes*

PREFÁCIO

TARDES DO NADA É UM LIVRO DE ESTREIA

— a presença real de uma alma sensível, num ambiente
— um tanto melancólico, em contraste com o tempera-
— mento vivo da autora, o qual se reflete na primeira
parte, ardente e volutuoso, para diluir-se aos poucos na luz
baça e purificada dos crepúsculos tristes ou das manhãs hi-
bernais, com vozes em surdina, dentro de um mundo re-
cém-criado e já evanescente.

A poetisa apresenta-se graciosamente, inge-
nuamente, emersa de uma noite de luar, com brilho de es-
trelas, as mais puras... para desaparecer em seguida, sem
encontrar vestígios de onde veio.

É também assim que Li Tai Pe descreve a visão
de uma imperatriz da China, descendo os degraus de uma
escada de jade, prateados pelos raios da lua, arrastando as
dobras de sua veste de cetim branco.

Essa aparição de beleza surge silenciosamente
e se vai sem deixar vestígios.

É o elemento evocativo de que se serve a poetisa
para criar e transmitir a emoção que ressuma suavemente
em flores de poesia, na feitura de cada verso seu.

Na fliigrana da expressão concisa e inteligente
está a mensagem delicada em que se manifesta sua alma sequio-
sa de beleza, buscando desesperadamente compreensão e amor.

Mensagem que é queixa e denúncia, revolta
e piedade:

diga aos que vierem
 que não existe mais afeto
 [...]
 diga que a poesia veio
 nas flores da primavera
 mas foi uma floração triste
 [...]
 se eles não entenderem
 diga às borboletas amarelas
 e aos mendigos da rua

diga que a justiça claudica
 e os irmãos passam fome
 e morrem sem esperança

diga aos que vieram
 que espero neles
 eu
 que não os conheci

e ainda:

te sentarás
 à mesa tosca dos mendigos
 e notarás a ausência de pão
 [...]
 comerás sobejos frios
 beberás água amarga

Faz lembrar GORKI, lembra NERUDA...

Mensagem de bondade e ternura:

há de vir
um pássaro molhado
buscando um ninho
[...]
recebe-o
[...]
e não se esquecerá
de que o cuidaste

Mensagem humana de suave lirismo:

tirarei da lira poemas
cobertos de esperança e saudade
[...]
e beijarei no sol incandescente
o rastro de teus pés
e a sombra de tua face
meu amor

Mensagem que se vale de todos os recursos da técnica para
revelar emoções profundamente sentidas.

Paradoxalmente, seu verbo ora terno, já irado
se transforma subitamente em demolidora apóstrofe e des-
faz-se de seu ídolo, tomada da fúria do Amoque:

cuspirei no mundo
e rasgarei as minhas vestes

quebrarei dias
[...]
e diluirei tua imagem no tempo

[...]
e com elas jogarei pérolas
no mar hediondo
[...]
e rasgarei as minhas vestes
[...]
serei pedra
serei fria
e não te amarei mais

Não fora a angústia de espaço e não resistiríamos à tentação de lembrar toda a beleza da poesia encantadora que encerram esses versos assim delicados.

A poetisa não pôde esquivar-se ao imperativo que canaliza a ânsia de todas as almas bem formadas, e que é a busca do bem e da formosura, flores de um rosal que só floresce no infinito porque seu perfume é a essência de Deus: — o que vemos é apenas o reflexo da beleza aparente e irreal. A graça no baloiçar das flores, no voo das aves, a formosura no mármore e na mulher, são reflexos do divino que se prolonga nos sons de um sino que vibra em campanário invisível...

Sua alma por certo pôde sentir todo o conteúdo de sua inspiração porque traz em si mesma o modelo com que afere e compara o que seus sentidos aprendem.

É o que se vê em “despedida”:

partirei como
os que nunca existiram

mas
deixarei

[...]

às rosas que dançam ao vento
a minha eternidade

partirei
tão simplesmente
que todos pensarão
num voar de pássaros
em manhã de sol

Fecha o delicioso volume magistralmente, ensinando a última emoção que transmite, esboçando com tintas de um colorido forte, a paisagem misteriosa, na qual se desvanece, esvoaçando numa ciranda de rosas que dançam ao vento e, partindo, simplesmente, num voar de pássaros, em manhã de sol.

TARDES DO NADA é um livro que se deixa com pesar, assim como se deixa um amigo querido, que nos faz grata a sua companhia.

A crítica imparcial saudará sua aparição como inegável sucesso literário, uma festa para as letras goianas.

Aí o tem. Leitor, *tolle et lege...*

ALFREDO DE CASTRO

Goiânia, verão, 1965.

“Da figueira aprendei pois, uma comparação. Quando seus ramos já estão tenros e as folhas brotam, sabeis que já está próximo o verão.”

(Mateus, 24 - 32, 33)

“ TARDES ”

DONDE VIM

donde vim
segundo me recordo
grilos intermináveis
abriam a noite
e estrelas
(as mais puras)
piscavam no céu

a voz dos homens
era pianíssima
e brancos os rostos da passagem

rios tantos
cortavam a terra vermelha
e corriam cantando
para o mar
em suas ondas
as espumas eram essências
e cada gota d'água
uma lição

a humanidade caminhava
sem ruídos

por estradas infinitas
e a lua era mais linda
que estórias e mitos

donde vim
pescadores ainda ensinavam
às rochas e homens

a solidão não existia
cada alma comungava
com o universo
em sólida união

vagamente me recordo
do meu mundo
(só sei que era tudo
e destruiu-se)

já em mim
nem se encontram vestígios
donde vim

CELEBRAÇÃO

brindemos
à casa não nossa
mas
que eu quisera fosse
chão de estrelas
uma rosa
em cada canto
e na janela
um palhaço encolhido
que nosso filho esqueceu

à geração de deuses
morenos como tu
glória do afeto
e pureza de nosso sonho

à realização
que não existiu
na simplicidade dos dias
de olhos mais tristes
que aves mortas

à horta
de rabanetes tão vermelhos
como o sangue de nossos avós
ou as faces
de nossos filhos

aos papagaios coloridos
da infância
ao pé de amora solene
que me fez machucar

ao rio da casa
mais claro
que todos os cristais
onde vão nossas mágoas
e donde vêm nossa esperança

à tua partida esquisita
que me fez cantar solo
numa música tão louca
que só podia ser dueto

ao caos da vida
olhos desnudos
que salgadamente saúdam
o dia que vem nascendo

ao tempo que se vai
ao sonho
que nunca passou
de projeto
contemplado por sóis e luas
num papel amarelado
sem data
e

sem razão

POEMA DE NÓS

queria sob uma lua tímida
debaixo da inexistência de luz
falar-lhe a ternura que existe cá dentro

seus olhos veriam brilhos intensos
dos meus que sonham inutilmente
e que falariam só pra você

queria sua presença sem solidão
chegar-se assim de repente
e tornar a noite tímida
um mundo de cor

as almas permaneceriam mudas
sentiria sob a ternura minha
a canção bonita que ninguém tocou

queria sob uma noite tímida
sua mão acarinhando os ventos
cantando-lhes sua infância triste

e perdidos os dois num êxtase
veríamos de olhos entreabertos
a aurora indiscreta participar de nós

e tanta luz viria surgindo
que vendo a natureza em festa
sentiríamos saudades da noite
que se foi

ELEGIA AO AMOR PERDIDO

tristemente
sei que te perdi
herdeiro dos sons de pássaros
barqueiro perdido
em não sei que mar

a rubra estação
que sorriu às nossas frases
volta agora
ligeira e melancólica
como ídolo inútil
de lembranças
e gestos de brisa

oh tu
mais que amado
pastor do sonho
perdido em não sei que tempo
irmão de constelações
nunca sabidas

no entanto só o naufrágio
pesado e lento

nem sequer
nossa sombra
pinta a paisagem
gelada
triste como a morte

tu que sem dizer
partias
pastor do sonho
me ensinaste
a solidão

À TUA VOLTA

quando voltares
uma solidão imensa
cobrirá a terra
e
nem saberemos o que dizer
após
a espera comprida
e
triste

ao contrário do que se pensa
não será um reverdejar
de primaveras
ou um sol
rebetando-se de sorrisos
(porque a espera nos transformou)

simplesmente
nós daremos as mãos
e mesmo
que os homens não entendam
nosso tédio
ainda será amor

ESTÓRIA

havia rabiscos
na praia dormente
os dois movendo-se
na esfera fantástica
viam doidos fios
baixando dourados
e castelos subirem
num voo de hora

a madrugada espiando
tremeu sozinha
e viu desenhos
em que cores se amavam
os dois
a casa azul
e crianças de seda
num cruzar íntimo
de almas partidas

águas vieram
auscultar a palpitante ternura
e voltaram em espumas
à deusa que ria

eram os dois espalhando estrelas
e bebendo rosas
no grito surdo
da natureza semiadormecida

estradas alongavam-se
na extensão perdida
e os tumultos do mundo
se entrechocavam
os dois
num murmúrio sabiam de beleza
e nas mãos irmãs
escutavam carícias

da madrugada branca de luz
o sinal veio
gargalhadas cínicas
evocavam maldição
os dois
distanciados
viram quebrar-se o elo
e jogados castelos
no voo da hora

houve um silêncio pasmoso
sem eco
a madrugada tremeu sozinha
chorando
e apenas
imóveis ficaram
os testemunhos do passado

DESINTEGRAÇÃO

cuspirei no mundo
e rasgarei as minhas vestes

quebrarei dias
para viver na lamentação da noite
e diluirei tua imagem no tempo

serei o cimo dos vulcões
e voarei com os condores
e morarei com baco no olimpo

serei irmã iemanjá
e com elas jogarei pérolas
no mar hediondo

cuspirei no mundo
e rasgarei as minhas vestes

e antes que a madrugada venha
serei pedra
serei fria
e não te amarei mais

TEMPO TARDIO

antes que tua face
seja sombra
eu te falarei
de mim

– como se tudo não tivesse sido –

descobrirei a alma
para que me entendas

isto
antes que tua face
seja sombra
e
de nada valerá

(porque a minha já o será)

PROJETO

depois
construiremos um ninho
de rendas e nuvens
onde o verão
sazona frutos
de árvores baças
quase mortas

levaremos bonecas
piões gastos
e quando luas evitarem a terra
conhecerás as bonecas
e as ensinarás
a rodar teus piões
enquanto isso
pigmeus e silfos
cantarão alegrettos
para os olhos fixos
da crença

balões hão de estourar
fazendo ruídos
e após o susto
riremos sem parar

esses momentos ficarão
porque neles existirá
o tudo de nós

talvez não seja agora
mas
ainda construiremos um ninho

IDOS

festa no ar
e pássaros loucos

a vida move-se
num ângulo
de ais

o vácuo rasga-se
no ar comprido
de tédio

o cravo murcho
guarda aroma
do passado

na rua meândrica
a doida passa
gargalhando sozinha

lembrei-me
havia festa no ar
e pássaros loucos

(no tempo de nós dois)

PRENÚNCIO DE POEMA

se ele nunca mais vier
ficarei com a poesia

farei tetos cor-de-rosa
irei a regiões de festa

se ele nunca mais vier
encherei a vida de coloridos

buscarei pedaços de nuvem
para fazer vestidos de baile

arrancarei do céu todas as estrelas
e me divertirei ao jogá-las no ar

farei bonequinhos chineses
e cantarei músicas de carnaval

se ele nunca mais vier
irei para a terra de tomás morus

farei colares de flores
e brincarei em ilhas encantadas

tocarei piano bem alto
e andarei pela escócia soprando gaita

se ele nunca mais vier
não ficarei triste nem chorarei
vou dançar rumba
tango
e até rock and roll

mas
se ele nunca mais vier
sairei gargalhando pela vida em fora
até quebrar-me em gritos sem ecos

PERSISTÊNCIA

esboço riscado
na parede da saudade

contei a todos
minha estória
os musgos sorriram
os homens foram indiferentes

– ninguém entendeu –

continuo riscando
teu esboço eterno

CONCLUSÃO

quando vier o natal
nós sentiremos
que perdemos tudo

se a chuva vier
nos lembraremos
de que é impossível
e o que foi não é
não é

então
erguemos os braços
e gritaremos nas várzeas

mas
será em vão
teremos de aceitar que foi
e não pode ser mais

POEMA TRISTE

entendi
e foi triste
foi o silêncio
o tédio
uma vontade de morrer

as árvores não tinham flores
eram frias
simplesmente
e o chão estava molhado
e vermelho
um chão desconhecidamente distante

era o nada

perdi o teu sorriso
(a única coisa
que alumia minha vida)

e o entendi hoje
quando a manhã veio pálida
e o sol se escondeu

COMPREENSÃO

nós seremos
os que olham
sem pedir

para entender os homens
e a vida

nós seremos os tristes
bebendo o sorriso
no canto dos olhos
dos outros

os que pouco esperam
podendo ser felizes
com uma gota de chuva
ou um sorriso teu

SERÁS MEU

serás meu
embora esta
embriaguez do tempo
cada dia mais te leve longe
a esferas candentes doutras plagas

serás meu
no entardecer de maio
no pôr de sol rubro
prenunciando a noite de angústia
que vem pratear as águas do sonho

serás meu
na saudade-lembrança
falando incompreensíveis ternuras
aos ventos soltos que modulam canções
mitigando a brasa do sol
a lágrima do outono

serás meu
mais que a raiz presa à terra
mais que a certeza do sábio

e este liame bordado de soluços
será a insânia minha
de jamais te perder

IRONIA

sacode-me lancinante euforia
um riso tão destoante
que reboia nas caladas vias
onde a desgraça
colhe-me o pranto

gritos em gracejos
a ferida que consome
e em quiméricos desejos
ficam realizados
os anseios

ao derredor
tudo é frio
a natureza no sutil deslize
não vê
que chorando
eu rio
na angústia dolorosa do viver

CANÇÃO EM DIAGONAL PARA LYDIA POLECH

vieste
e foste um azul
tão azul
que passei a ver colorido
tudo
as tuas mãos
voz
até a África tão distante
pintaste de azul

vieste
e trouxeste no pouco
o muito de sonhar
e revirar meu mundo
marcado de mágoas

vieste
tão suavemente
como a estrela pequenina
que brilha demais
e foge para o infinito
onde se cruzam os impossíveis

vieste
e foste tão eternidade
que bebi no canto do pássaro
a chuva miúda do pertencer

foste
nem brinquedo estragado
ou tumulto de desespero
mas
foste assim
lápiz de cor
que tingiu de azul
todas as manhãs
todo o mundo
tudo
até a espera inútil

LAMENTAÇÃO

infância minha
te foste
tão formosa
tão distante

folha seca
envelheceste
nunca dantes te conheci
em tempos tão escuros

entardecer mesclado
entristeceste
nunca dantes te vi
em amargos extremos de agonia

descrença total
nunca antes pensei
que fosse tudo
tão falso e vão

infância minha
por que te foste
tu
tão formosa
tão distante

AOS RESTOS DE PRIMAVERA

a última floração de janeiro
esqueceu sua cor nas madrugadas
e pendurou sonhos nas árvores

a saudade mesma
passou nas ruas frias
e encontrou vozes do passado

os sorrisos saíam de nuvens
e alcançavam pássaros azuis
na última floração de janeiro

nenhuma sombra agora
porque a saudade
voltava aos idos

a última floração de janeiro
como a última vez de nós dois
falou adeus no limite da hora

ninguém a viu
e ela existiu
em flores vermelhas beijando o céu
para morrer depois
sem explicação

(como a tua ausência)

NA FRESTA DO TARDE

cansada
de ser sombra
sem direção
ou rumo
entediada
de ver casais
quando sou fantasma
cheio de ais

saturada
de ver noites
opacas e escuras
cigarro fumegante
espiral disforme

cansada
de tocar chopin
e olhar chorando
a vida amanhecer
na eterna noite

cansada
e nada adianta
serei sempre
fantasma
cheio de ais
olhando calada
os eternos casais

DESTROÇOS

ele quis musa
sorriu em covinhas
e se foi

fiquei no prado
olhando o lago
prateado e comprido

ele quis outra
deixou-me sozinha
e se foi

fiquei no passado
olhando a sombra
adorando a lembrança

lágrima de pérola
redonda rolando
rolou sem fim

ele a amou
feliz sorrindo
e sofreu depois

fiquei ouvindo

a fonte linda

e o mundo inteiro

saudade

saudade

saudade

PASSÉ SIMPLE

meus tempos de internato
tempos de criança
que longe estão

o volleyball
os terços na capela
as missas (que preguiça)
os passeios de domingo

tempos de internato
minhas tranças fininhas
noites vendo luas
arquitetando ser brilhante

o prazer das férias
(alugava bicicletas)
tinha um cãozinho branco
que se chamava migue

quantas brigas
lembro-me do maré
ou da maré
não sei

quantas quedas ganhei
não sei
a baliza
o chicote queimado

quantas vezes brinquei

meus tempos de internato
eles ficaram lá
nas paredes do colégio cinza
ou em cinzas em minha mente
não sei

PRELÚDIO

um dia me cansarei
de celebrar a saudade
das esferas translúcidas

o ar intoxicado
verá o berço do sonho
vazio e irrevelado

um dia me cansarei
de beijar os cabelos da lembrança
e multiplicar o tédio

quantas auroras virão
cantando os planetas de fogo
e mostrando vestidos de renda

um dia me cansarei
e quem em ternura se transformará
quem te há de adorar

RETORNO

terra da promessa
à qual voltei sedenta
pra buscar consolo

chorei quando distante
ao lembrar-me de teus campos
onde cantei cirandas
e brinquei de pique

como te encontro
as ruas cantam velhice
e os ventos gemem luto

terra da promessa
que ficou guardada no coração
para a volta fecunda
quando me sentasse à beira do rio
pudesse contar-te a desilusão
que me fez trocar a boneca
pela lágrima

e inutilmente
faço monólogo oco
na rua vazia
da cidade que me esqueceu

ALIENAÇÃO

fios velhos
caídos
onde balança
o diabo

ele gira
gira
girando
deixa-me tonta

teias amarelas
sujeira pendente
abrigam o diabo
que balança

cá dentro
cheia da vida
sopitando
vejo-o
pendendo nos fios
balançando alucinado
como meu coração

SONATA DE AMOR

cantarei o sol queimando
as asas do pássaro branco
e as manhãs inclinadas
estendendo flores na passagem

tirarei da lira poemas
cobertos de esperança e saudade
como o canto da cotovia
deslumbrando o viajor exangue

arrancarei do coração as fibras
e tecerei um sonho orvalhado
para entregar-te na manhã de sol

cantarei nas horas fixas
e beijarei no sol incandescente
o rasto de teus pés
e a sombra de tua face
meu amor

*“l’homme n’est qu’un roseau le plus faible de la nature,
mais il est un roseau pensant”*

(Pascal)

“ DO NADA ”

CONFISSÃO

na volta
da cidade onde me plasmei
trouxe dois olhos brancos
(mais essência que cor)
corpo alvo
tocha vermelha
mais clara que as auroras
e mais firme que os séculos

–. do que conheci
não me perguntem –

hoje
olhos sem luz
(que um dia se cegaram)
velho castiçal
de vermelho quase extinto
e em cada braço
a saudade da origem

EXTRATO DO SER

séculos voltaram
lambendo colinas
enfumaçadas
e a hora tremeu
em comunhão com terremotos estranhos

o eclipse total tomou
as ideias do moribundo
nenhum pássaro veio
(porque seu canto perturbaria o silêncio)

houve estraçalhamentos
nos abraços loucos dos amantes
no grito do que perdeu horizontes
e ficou inclinado sem ai

o espaço contraía-se
no prelúdio da morte
cansaços rodeavam festas de abril
e os acenos procediam-se
nas estradas intermináveis

e entre abalos de doidos sóis
cruzando o céu
viu-se o homem porejante
unindo finidade a infinito

PROMESSA À CLARICE DIAS

nós não esqueceremos
as faces do caminho
e as palavras de mel

seremos o receptáculo da vida
aceitando a relva verde
e a seca do solo

continuaremos
embora nos gele a tempestade
ou nos ceguem as areias do deserto

não odiaremos
porque borboletas brancas
ainda voarão no espaço
e a primavera sempre nos trará flores

nós não esqueceremos a ternura profunda
e tuas palavras viverão gravadas
em sangue
como marca eterna
(porque tu serás eterno)

os filhos do sonho
cantarão para nossa esperança
até que vejamos o sol recém-nascido

nossas bocas serão puras
e dirão frases de nuvem
consolando os tristes

continuaremos serenos
como as árvores que jamais
se rebelam contra o destino

seremos perpetuados em séculos
e deixaremos no livro do tempo
a nossa passagem pela terra

TENTATIVAS

a interrogação continuou
perguntando a mendigos
que passavam

houve promessas
e a dúvida continuou
cantaram-se aleluias na alma
e a interrogação perplexa ficou
vieram os anos
a primavera floresceu
troncos sem esperança

tortas ruas passavam
na cabeça embranquecida
desfilavam espíritos sem forma
na imprecisão do reflexo
e muitas mãos apareceram na fresta
jogando semelhanças

a interrogação continuaria
e o céu se desmembraria
em pedaços sem conexão

ninguém ouviu
mas a interrogação irrompeu na alma
violentando-a

e na tristeza cinzenta
de primaveras idas
a dúvida ficou dançando
num minuto escoante
ficou agigantada
em imagem sem corpo
e pincelou anos inteiros
sem uma solução

N Ó S

somos iguais
enfileirados
um
a
um
tantos

iguais
o mesmo sorriso
passageiro
e os prantos

somos iguais
os anseios
e amor ilusório
os encantos

iguais
enfileirados
um
a
um
morreremos

ARREPENDIMENTO

rostos vieram
mostrando cansaços
na tarde que ia embora

oscilações apareceram
ébricas como homens caídos
no vão esquivo da hora

apareceram silfos
cigarras e vultos andando
e cabisbaixos
silenciosos
se perderam

houve um momento intenso
cantos rodopiantes e vozes
como gemidos ou cantiga de ninar
não sei

tudo convergia depois
para o nada
a cabeça pesava enregelada
à hora descorada do crepúsculo

havia busca de segurança
no olhar da criança sem mãe
pequenamente sem mãe

houve uma pausa lenta
pesada
e no romper da noite
uma lágrima de mulher

EXPRESSÃO

te sentarás
à mesa tosca dos mendigos
e notarás a ausência de pão
contemprarás o banquete da miséria
onde vultos doentes silenciam

ouvirás a voz dos rostos vencidos
no pronunciar inculto de desgraças
sentirás hirto e inseguro
neste congresso estranho

entre irmãos-mendigos
comerás sobejos frios
e beberás água amarga
para aplacar o medo vizinho

estranharás os rostos envelhecidos
e a existência de alguma fé
quando não a revolta muda

sairás após esta visita febricitante
e verás a opulência rodeando lares
e o desabrochar de rosas vermelhas
dentro da natureza desigual e uniforme

tua cabeça levará este quadro triste
pelas ruas suspensas de madrugada
convulsões te sacudirão
não te amedrontes
será o rebentar comum de soluços

seguirás de mãos lassas
em teus caminhos à experiência
e verás lágrimas entre sorrisos
no inexplicável passar pela vida

REFLEXÕES

o sorriso côncavo
dos pássaros molhados
que não tinham fé
era este remorso
esta falha de não ser deus

agora a reflexão
a saudade da perfeição
a lembrança da infância
que permanece esboçada
nas rugas da face

o amor que se vai
e não quer abrigo
o amor que é só espera
e desmaia na aurora
sem se dar a alguém

abraços se desfazendo
pela chegada à verdade
campos se enverdejando
mesmo na crença do nada
e noites se fechando

na certeza do adeus
concerto de anões
no desencanto da vida
saudade da ilusão perdida
no entardecer que se mostra
e olhos perdidos
enluarados
na evidência da tristeza

CAOS

hoje
o cantor não tem voz
parado à porta da lua
indaga
pergunta
e ninguém sabe

as crianças não brincam
de roda
a roda não existe
e elas ficam
tristes
paradas
e ninguém vê

os homens não se ajoelham
as lágrimas correm
e eles pedem
mudamente
agonicamente
e nada acontece

NIHIL

este é o poema
do malogro
da esperança fracassada
e enterro de construções

poemas entrecortados
de soluços
dos que tombam entristecidos
e se erguem jamais

da rosa
que não se abriu
de luzes
que não se acendem
de sonho
que não se realizou

M O M E N T O

indagaram tontos
homens-bronze
ou figuras de sol

há tempos existiu
coração de menina
e corpo de luz

o bronze tiniu
os homens não são
(foram)

era a vida
vagando
dançando
em busca de estrela
que se apagou

SE

se se pudesse
gravar em troncos
cada agonia

se a lágrima solidificasse
em pedras
e quedasse imóvel
no meio dum lago

se o homem tivesse
a chave dos mistérios

se o amor tivesse sido verdadeiro
e a traição não pautasse

se tudo assim fosse
os flancos da alma
ainda estariam rasgados

TEMPO E TRANSFORMAÇÃO

um dia passaremos
as mãos pelas vigas da casa
e as sentiremos velhas
como o cansaço
do que foi à cidade do tédio
trouxe seu corpo
mas
deixou a alma

as vigas
as teias de aranha
as cadeiras
mostrarão que o tempo
fez ruínas
para o que foi
à cidade dos liquens
dos homens sem fé
à terra dos tristes

CONTRIÇÃO

melancólica tarde
e dois ciprestes balouçando
na chuva suave

minudentes pássaros
no encontro da música
e hora calada

palhaço esquecido
na janela espaçosa
e pontos caídos

o homem áureo
meditando na vida
os vários contornos

melancólica tarde
brindando a solidão
a angústia do efêmero

o homem plúmbeo
de cabeça inclinada
contempla seu nada

nada se queimando
nos suspiros desesperados
do que busca luz

melancólica tarde
rasga este ser
e dá-lhe ressurreição

ENGANO

minha cabeça está cheia
de imagens quebradas
como galhos caídos
esquecidos no matagal
como folhas secas
que o vento reúne por acaso

tentei reconstruir
colocando olhos verdes
no rosto moreno
e não eram verdes
os olhos deviam ser castanhos

reuni outras imagens
quebradas
velhas
juntei lágrimas
para colar as partes
mas
o tempo veio
e secou a lágrima
tentativas vãs
já nem via primaveras floridas

até o dia
em que ajoelhada
o de olhos parados
vi que não eram
imagens quebradas
porém cacos esparsos
sem conexão

AOS QUE VIEREM

diga aos que vierem
que não existe mais afeto
e a vida principia terminar

que ele existiu sim
mas partiu
destruindo a fé

diga que a poesia veio
nas flores da primavera
mas foi uma floração triste

a todos quantos vir
que a essência confundiu o ser
e a dúvida o massacrou

aos insetos que se movem
a grandeza de deus
e a tristeza do adeus

se eles não entenderem
diga às borboletas amarelas
e aos mendigos da rua

diga que a justiça claudica
e os irmãos padecem fome
e morrem sem esperança

diga aos que vierem
que espero neles
eu
que não os conheci

SOLIDÃO

andava a lua longe da terra
andava eu longe de deus

quanto busquei auroras
e morria em todo anoitecer

o desencanto rodeava tudo
aqui
um vazio de afeto

o caos existia
no escuro que não brilhou

andava a lua em noite alta
quando a lágrima
se me brotou

CANTO DESCOLORIDO

saí do eu
para a busca do vento
em planícies vastas e descoradas
encontrei astros em louca corrida
lágrimas brincando nas relvas
e crianças mortas de pavor

saí do eu
para encontrar bálsamo
e almocei quimeras que se foram
sem apagar tristezas
sem embalar o sonho

saí do eu
numa busca estafante
tentei das mãos fazer poemas
e na hora vadia
só encontrei para amargura
o vazio do eu
do eco
da vida

ÂNCORA

lábios
que pedem
as últimas gotas do verão

rosto apagado
que se agarra
aos últimos raios de sol

mãos
que acariciam
a vibração extrema do ser

figuras
que amontoadas
cospem na morte embrutecida

rugas
que levam a mocidade
e trazem desespero

o mundo agitado
cai
a vida monótona
desmaia

é o fim
a ilusão sumindo
a súplica última
dos lábios
que pedem as últimas
gotas do verão

(o outono chegou)

PREVISÃO

há de vir
um pássaro molhado
buscando um ninho
e cantando tremulamente
o sonho perdido

– recebe-o –

ele há de cantar
em todos
os teus dias

e não se esquecerá
de que o cuidaste

INSATISFAÇÃO

vida medrosa
tátil
buscando amparar-se

alma vibrando
correndo
em miragens a quedar

mãos frágeis
apertando o nada
no despertar

voz falando
interrogando
sem nada encontrar

ah
tudo vazio
que saudade do infinito

POEMA DA ESPERA

ouvia risos lá fora
erem distantes
a aragem soprava mansamente
perto da janela

havia vultos imóveis
e vultos brincando de correr

a todo momento
sentia passos
a porta parecia abrir-se
mas
eram ilusão
ninguém chegava

a ânsia fazia-me
perder a lucidez branca
a aragem continuava indefinidamente
como este vulto imóvel
no meio da vida

esperando
esperando
o que nunca vem

INSTANTE

cãozinho branco
só tu
e este cheiro de vela

caixão bonito
choros se erguendo
a vida de ontem
morte de agora

cãozinho branco
nós dois sozinhos
e este cheiro de vela
solidão esquisita
jogada na praça
molhada de chuva

cãozinho branco
ah
amargura endoidecida
neste cheiro de vela

CULMINÂNCIA

é hoje
o universal da sombra
projetado
em cenário perpétuo

é hoje
a lua de esplendor tamanho
insuflando
o despontar do sublime

é hoje
o estrelar pontudo
deixando claro o isolamento
a ânsia de ter alguém
a angústia de ser ninguém

CRIAÇÃO

visto o palhaço
entorto-lhe a boca
ponho ruge na cara
e lápis nos olhos

depois observo
minha obra
de panos coloridos

braços caídos
os olhos rasgados
boca contorcida
nem a roupa adianta

(meu palhaço é triste)

DESPEDIDA

partirei como
os que nunca existiram
como gesto interrompido
ou noite que não amanhece

mas
deixarei
na sutileza das estrelas
o pisar brusco
e os olhos marejados

deixarei
às rosas que dançam ao vento
a minha eternidade

partirei
tão simplesmente
que todos pensarão
num voar de pássaros
em manhã de sol



POESIAS DE EDIR — A jovem poetisa Edir Guerra Malagani lançou ontem na praça seu primeiro livro: "Tardes do Nada", em meio a solenidade na Livraria Brasil Central a que compareceram escritores, professores, estudantes, além de expozites intelectuais de nosso meio cultural. Edir Malagani é uma das fundadoras do Grupo de Escritores Novos: GEN.

Nota referente ao livro Tardes do nada, de Edir Guerra Malagani, do jornal O Popular de 12 de junho de 1965.

LANÇAMENTO DE "TARDES DO NADA"

Ocorreu na noite de onze do corrente o lançamento de "tardes do Nada", livro de poemas de Edir Guerra Malagani. Saudando a poetisa referida, aproveitamos a oportunidade, ao mesmo tempo em que a cumprimentamos efusivamente pelo acontecimento, discursamos o escritor Bernardo Ellis, que teve entusiásticas palavras para o livro citado. Em nome do Grupo de Escritores Novos, entidade a que se filia Edir Malagani, usou da palavra o seu presidente, escritor Fernando Valadares. Agradecendo, em palavras emocionadas e breves, falou a homenageada, que agradeceu as referências feitas à sua pessoa e ao seu livro.

A festa, realizada na loja da Livraria Brasil Central sito à Rua Três, contou com a presença de destacadas figuras de nosso mundo intelectual. Fora presentes: prof. Jerônimo Geraldo de Queiroz, ministro-reitor da Universidade Federal de Goiás; escritor Bernardo Ellis e esposa, poetisa Violeta Metr Curado; escritor Bariani Ortência e senhora; acadêmico Basileu Toledo França; prof. Alfredo de Castro, ensaísta Domingos Félix; escritor e deputado Elzer Pena (que brevemente lançará um livro de poemas, conforme já informamos em primeira mão) e várias dezenas de outras pessoas. Edir, no encargo, autografou inúmeros exemplares de seu livro.

Nota referente ao livro Tardes do nada, de Edir Guerra Malagani, do jornal O Popular de 20 de junho de 1965.

A originalidade do modernismo goiano em Edir Malagoni

Vivaldo J. de Araújo

A jovem autora de "Tardes do Nada" imprimiu em nossa poesia moderna um traço profundo de originalidade, buscando, numa forma ostensivamente compreensível, onde palpita a realidade da vida e um sentimentalismo subconscientemente romântico.

A leitura de "Tardes do Nada" vem provar o que sabidamente afirmou Victor de Carvalho Ramos, em seu luminoso discurso de recepção de Gilberto Mendonça Teles à Academia Goiana de Letras, quando disse que em matéria de Arte só há duas escolas — a objetiva ou realista e a subjetiva ou humana.

E o contraste que se verifica entre o objetivo e o subjetivo, na obra da jovem poetisa, marca uma síntese da realidade humana, demonstrando que a verdade é uma só, muito embora possa aparecer sob o aspecto de matizes diversas.

Em Edir Malagoni vamos encontrar a entrelaçada de fatores antagonísticos construindo realidades cheias de ressonância e otimismo, mas nem sempre alegres, demonstrando que muita razão tinha o célebre poeta francês Chateaubriand, quando afirmou na obra "Reverie du René" — "onde quer que o homem se encontre seu canto natural é sempre triste".

E o que nos impressiona muito é a ausência do artificialismo; sua mensagem é natural como o canto do pássaro no silêncio da tarde. E a música que não foi ensaiada, o sonho que surpreende o próprio espírito, enfim é o que lemos em um de seus maravilhosos versos — "a canção bonita que ninguém tocou".

A completa inexistência de pontuação causa-nos uma incômoda estranheza, seria ótimo se houvesse ao menos o pontinho final, o resto é bom mesmo que fique no fiteiro. Cumpre observar, todavia, que reside aí um dos aspectos subjetivos e formais de sua poesia espontânea, que se lhe derrama da alma como uma cascata de águas cristalinas. É o turbilhão de ansias incontidas, a fuga do vulgar e o desejo de libertar-se do tédio, sem os obstáculos que dificultam os vãos mais altos.

A poesia de Edir traduz fielmente o aspecto multicolorido da existência: é ingênua, quando fala sobre a infância; romântica no amor, torna ante o drama social e humana em relação aos que sofrem. No poema "expressão", onde a travessa menina-poetisa começa a propozital peraltice de iniciar o período com o pronome oblíquo, vemos a expressão da desgraça social, que um dia poderá desaparecer, se nossos poderes seguirem a mensagem cristã que a moça-poetisa escreveu no poema — "aos que vivem".

A profunda sensibilidade que herdou do sangue italiano de seus avós, aliada à influência do nosso querido sertão goiano, deu-lhe uma personalidade neo-ocidental amadurecida, que propiciou a Edir, conhecida intimamente por Veni escrever, no verdor dos anos, uma página que inevitavelmente marcará um rasgo luminoso em nossa poesia moderna.

*Crítica referente
ao livro Tardes
do nada, de Edir
Guerra Malagoni,
publicada no jornal
O Popular de 6 de
novembro de 1966.*

POSFÁCIO
TONS DA POESIA DE
EDIR GUERRA ENTRE O
TEMPO DAS “TARDES” E
O ESPAÇO “DO NADA”

De imediato, considero que ao ler *Tardes do nada*, de Edir Guerra, quem tem uma assiduidade de leitura de poesia perceberá um tom confessional. Tom quer dizer que alguém escolheu, dentre as linguagens de um idioma, uma linguagem como modo de expressão mais enfático, e isso, se não formal, discursivamente. Há de notar-se, lendo-se, sobretudo, a primeira parte do livro, “tardes”, que dizer do que se viveu e não se vive mais, do que se perdeu e de que a perda é lamentável, do que poderia ter sido e não foi nem será ou seria, do vazio (ou nada) em que se vive mediante a perda, da espera daquilo que pode ser e provavelmente não será, do futuro do presente que não é presente porque não se vive nem é futuro, pois o futuro não existe, e quando o futuro chega é presente e não corresponde *ipsis litteris* à expectativa que havia, fazendo do presente um pretérito mediante o futuro chegado, são estratégias que levam à escolha em um idioma mediante um acabamento poético de uma linguagem dentre as tantas linguagens do mesmo idioma. Esses dizeres, simultaneamente ao espaço dado como vazio (qualquer ou nenhum), percorrem imageticamente todo o conjunto de poemas de *Tardes do nada*. Ver-se-á que essa leitura, ainda que pautada pelo contexto de mundo e pelo contexto literário da poeta, decorre do contato direto com os poemas do livro.

Destaco que a noção de tom trazido das lições de Mikhail Bakhtin, que se estendem ao longo de sua obra (da década de 1920 à de 1970), a exemplo de “Discurso na vida e discurso na arte [poesia]” (de 1926, com V. Voloshinov), “O discurso na poesia e o discurso no romance” (de 1934-1935), “Os gêneros do discurso” (de 1952-1953) e de “Apontamentos de 1970-1971”. Nos termos bakhtinianos, o tom é uma linguagem dentre as tantas linguagens que atravessam aquela (dada em ênfase) mediante qualquer uso que se faça de um idioma. Não vá se pensar disso, no entanto, que Edir Guerra confessa sobre si mesma mediante estratégias composicionais próprias da memória de gênero da poesia, como a verificação, a estrofação, a rima, a metáfora como síntese sentencial (que produz imagem verbal) e outras. Não há garantia de que a poeta confessa sobre si. A confissão é o tom, a linguagem escolhida subjacente a *Tardes do nada*, sobretudo da primeira parte desse livro. As estratégias composicionais composições são escolhas da retórica poética – ou, conforme Bakhtin, do “tesouro técnico” (fortuna da arte) – que se coadunam com aquele tom. Como uma linguagem dentre outras, o tom é, pois, discursivo e, na arte verbal, ele tem acabamento, que é estético. Em outras palavras, não é porque Edir Guerra confere tom de confissão às formas expressivas da linguagem em poesia que ela fala propriamente de si, pois a memória do gênero e a composição implicam alteridade e vicarismo, logo, ficcionalidade ao discurso.

Observem o seguinte excerto, correspondente à primeira estrofe do segundo poema de “tardes”, chamado “celebração”:
“brindemos/ à casa não nossa/ mas/ que eu quisera fosse/ chão de estrelas/ uma rosa/ em cada canto/ e na janela/ um palhaço encolhido/ que nosso filho esqueceu”. Nesses versos, de imediato, pelo título do poema em relação ao que se diz, há uma espécie de memorização, uma homenagem a algo. Brindar à casa

é solenizá-la. Contudo, atipicamente, diz-se da casa que não é nossa. Logo, homenageia-se o que não se tem, que não se tinha, projetando-se o que poderia ser, de sorte que pretérito, presente e futuro se coadunam. O tempo é dado em um todo simultâneo, não sucedâneo, conforme é possível apenas poeticamente (na ficção) – e se mais do que aí for possível, será em uma hipótese de Física a respeito de sobreposição quântica, pela qual, antes de ser medido, o tempo existe em todos os momentos teoricamente possíveis, ou é possível em uma visada cósmica total, que, no entanto, é impossível a qualquer percepção humana. Uma sentença, que subordina adjetivamente a casa mediante uma adversativa, confere, em “celebração”, elementos de uma confissão: “eu quisera fosse”. Para manter todos os tempos coadunados, como tempo simultâneo, não sucedâneo, essa sentença – única de tom confessional no poema – se reverbera em todas as estrofes, cada uma como eco do verso inicial, “brindemos”, dado por zeugma, bem como cada uma correspondente a algo como um rol de coisas memoradas. Todas as memorações, a partir da primeira estrofe, iniciam-se como se dissessem “brindemos a”. Assim dizem, da segunda à nona estrofe, respectivamente: (brindemos) “à geração de deuses/ morenos como tu”, “à realização/ que não existiu”, “à horta/ de rabanetes tão vermelhos”, “aos papagaios coloridos/ da infância”, “ao rio da casa/ mais claro”, “à tua partida esquisita/ que me fez cantar solo”, “ao caos da vida/ olhos desnudos” e “ao tempo que se vai/ ao sonho”. Em um poema de amostra, como “celebração”, cujo tom é de homenagem, destacar uma sentença (pois há somente uma no poema) para defender o tom de confissão pode parecer muito estranho. No entanto, não é que “celebração” seja propriamente um poema confessional, é que ele inclui esse tom reverberado no tom de memoração (como homenagem).

Convém observar que se confessar é uma prática, algo reconhecido, logo, regulado, por sua vez, simbólico, algo de notar-se formalmente. Nisso, é algo que, porque regulado, recursivo, algo que pela repetição se torna um valor, implica uma continuidade, senão, quase que automática, em relação ao pretérito mediante o presente para o futuro – e isso é evidente nos poemas de “tardes”. No poema “elegia ao amor perdido”, por exemplo, há também uma sentença única, dada em dois versos (os dois primeiros do poema), que igualmente reverbera o tom de confissão: “tristemente/ sei que te perdi”. Tudo que se diz na primeira estrofe do poema aberta por tais versos, como tudo que se diz nas demais cinco estrofes, reverbera o lamento confessado da perda de alguém. Certamente, não por acaso esse alguém corresponde ao mesmo alguém – como se os poemas de “tardes”, um a um, enredassem confissões de um eu para outrem – de “celebração” e de todos os poemas da primeira parte de *Tardes do nada*. Como elegia, “elegia ao amor perdido” traz principalmente o tom de lamento – sem dúvida por efeito da memória do gênero elegíaco. Contudo, assim como “celebração” apresenta um tom principal, de memoração (como homenagem) sobre o tom de confissão, “elegia ao amor perdido” também traz um tom principal (de lamento) sobre aquele mesmo tom (de confissão).

Considerando Bakhtin, convém destacar isto que ele disse, ainda em outras palavras: a realidade do que seja (ou for) na arte nunca é a realidade de algo, de uma coisa, de um referente ou de uma referência, mas a realidade de um poder. Entendam: não é que se confessar implique uma expressão de poder, é que “poder” é poder se confessar. Além disso, é que, em poesia, pode-se confessar publicamente sem reservas, sem receio, sem que a confissão pareça uma desnecessidade, um excesso, um abuso, um desequilíbrio pessoal, nem mesmo meramente um desabafo. A confissão

em poesia é criada. Em “tardes”, do que venho apresentando, há evidências já dadas disso: pelo menos uma sentença em tom confessional que se reverbera em um poema e entre os poemas, bem como alguém a quem sempre se refere como amor perdido, como pessoa amada (querida, desejada) da qual se separou (embora que por um motivo não dado). A criação: o acabamento resultado da composição do tom de confissão como o alguém perdido.

Há casos em “tardes” em que a sentença única não apenas reverbera no poema o tom de confissão, nem mesmo apenas ecoa por zeugma, mas se repete, insistindo na retomada da expressão sentencial formalmente, como em “prenúncio do poema”, que se distribui em onze estrofes, das quais as nove primeiras são dísticos, dentre os quais o primeiro, o terceiro e o sétimo dizem igualmente no primeiro verso: “se ele nunca mais vier”. Esse verso-sentença também inicia a décima estrofe (de cinco versos) e se repete no segundo dos quatro versos da última estrofe, a décima primeira. A cada repetição (retomada) desse verso-sentença, o poema diz: “se ele nunca mais vier” “ficarei”, “encherei”, “irei”, “não ficarei” e “sairei”. Enquanto isso, nos dísticos em que o verso-sentença “se ele nunca mais vier” ecoa (por zeugma) ou se reverbera, a mesma voz da primeira pessoa singular no futuro do presente confessa algo a realizar se houver a não vinda de quem se espera: “farei”, “buscarei”, “arrancarei”, novamente “farei”, “farei” de novo e “tocarei”.

Como delegada de polícia que foi, ou seja, como alguém que exerceu uma profissão que não somente exige respeito, mas, sobretudo, impõe autoridade, e pelo menos de certo modo pede uma conduta pública austera, além de, mesmo que somente em tese, exigir imparcialidade, certamente Edir Guerra Malagoni não foi alguém que em serviço pudesse se dar ao luxo de confessar-se – no sentido de dizer sobre sua intimidade, de expor-se pessoal-

mente, de desabafar em serviço. Mas a poeta não foi a delegada de polícia, embora sua pessoa tenha sido. Por sua vez, como pessoa, ainda que na intimidade, no âmbito das pessoas de maior confiança (de parentesco, de amizade ou de amor conjugal), Edir Guerra tivesse sido alguém, como é próprio das pessoas, que necessitasse aqui e ali se confessar, não é cabido dizer com asseveração que seus poemas se limitam a sua pessoa, assim como não é cabido dizer, como se pudéssemos colocar a poeta em um divã, que ela recorreu à confissão porque foi delegada de polícia, como se aquele tom servisse de escape poético (ficcional, estético-verbal) das consequências dessa profissão. De todo modo, em uma mediania, ainda que taxada de hipotética, era preciso controle como poder para uma mulher ser delegada de polícia no Brasil na década de 1960 – principalmente em Goiás, devido a seus fortes resquícios de coronelismo –, assim como se confessar poeticamente ou não, para uma mulher da época (como ainda hoje) era preciso assumir controle, poder – do que atualmente chamamos de empoderamento. Se disse respeito a si mesma nos poemas de “tardes”, ou seja, se Edir Guerra se valeu de acidentes biográficos para ficcionalizar a confissão em seus poemas, o contexto implicava a ela que lidasse com o poder vigente e que se empoderasse para expressar-se poeticamente. Logo, sua confissão é antes de tudo criada, obra de atividade estético-verbal.

Há na criação de Edir Guerra uma variação ficcional da confissão, uma variação pela qual se simula alguém que se confessa para ou sobre outrem. Destaco o caso de “poema de nós” (quando poderia destacar mais, como, além do já referido “elegia ao amor perdido”, “à tua volta”, “tempo tardio”, “conclusão”, “serás meu” e “canção em diagonal”), para aludir ao modo de confissão de mim para ti/você (com a presença da segunda pessoa polissemicamente diante da primeira). Há, além disso, no tom de confissão

dos poemas de “tardes”, um subtom, aquele em que ninguém a quem ou sobre quem se refere tem uma indicação. Sobre isso, os poemas apenas assinalam que se trata de um amado com quem não se vive mais. À parte desse amado, e à maneira de “prenúncio do poema”, há os casos de “na fresta da tarde”, “passé simple” e “prelúdio”. No primeiro desses, o verso-palavra “cansada” abre a primeira, a terceira e a quarta (a última) estrofe do poema, e, por sinonímia, repete-se (reverberando-se expressiva, e não apenas discursivamente) na abertura da segunda estrofe, com o verso-palavra “saturada”. No segundo, “passé simple”, a locução “meus tempos de internato” abre a primeira e a última das setes estrofes, como de maneira mais sintética, dada como “tempos de internato”, abre a terceira estrofe. Esse poema tem um tom de lamento da infância perdida que está assinalado, anteriormente, apenas em “lamentação”, e posteriormente, apenas em “retorno” – poema no qual, diferentemente dos dois demais, a palavra “infância” como motriz não é assinalada, é sugerida nos versos finais da segunda estrofe, “onde cantei cirandas/ e brinquei de pique”, e no verso “que me fez trocar a boneca” da quarta (a última) estrofe. Lembro que em “celebração”, a palavra “infância” é apenas destacada como um elemento, conforme o verso já destacado anteriormente: “aos papagaios coloridos/ da infância”. Já em “prelúdio”, aquela estratégia de repetir literalmente um verso – no caso, como sentença – de tom confessional se configura alternadamente nas estrofes ímpares das cinco do poema, sempre como verso inicial: “um dia me cansarei”.

Não vou, porque seria incongruente, para não dizer incoerente, ao princípio de ficcional do eu em poesia, e até já adverti isto, colocar a poeta Edir Guerra em um divã para considerar que a poesia, também conforme já adverti, serviu de refúgio para a poeta porque abertamente não poderia viver de confessar-se, uma

vez que foi delegada de polícia. Dizer isso seria impertinente, pois seria o mesmo que dizer que todo mundo que fez poesia de tom confessional agiu mediante restrições impostas por sua vida pública. Seria o mesmo que dizer que alguém somente pode escrever sobre perdas se houver perdido algo. Logo, é o mesmo que amputar da ficção tudo que a torna possível: a imaginação por alteridade e experiência vicária – afinal, conhece-se a vida não apenas pela experiência do vivido, mas também por sensibilidade ao que é (ou for) alheio. Ainda que alguém apareça para dizer algo do tipo “Eu conheço e convivo com a Edir e sei que ela é muito sentimental, vive fazendo confissões de sua vida pessoal”, não vai essa declaração garantir absolutamente nada a respeito do que se lê em “tardes”. É isso não porque a poeta poderia desmentir quem por acaso dissesse aquilo, mas porque é a poesia que se tem, quer dizer, tem-se a confissão pelos poemas, uma vez que, novamente recorrendo a Bakhtin, embora a pessoa que escreve não seja indiferente àquilo que formulou na escrita, ela não é igual, pois não ser indiferente não significa deixar de ser diferente. Além disso, há pelo menos os seguintes contextos: o de mundo, em que autorias femininas vão à escrita literária para assumir o poder de confessar-se, ainda que não necessariamente dizendo-se de si, mas representando confissões; e o literário, que no caso do tom de confissão, na Modernidade, pelo menos no Ocidente, descende em parte de variantes do Romantismo. Desse período, esse tom foi, também em variantes, espalhando-se pelo Modernismo e posteriormente, a exemplo de Manuel Bandeira (como em “Desencanto”, de 1917), Vladimir Maiakovski (como em “Eu! Maiakovski”, de 1922), Marina Tsvetaeva (como em “Uma tentativa de ciúme”, de 1924), Florbela Espanca (como em “Amar”, de 1930), Sylvia Plath (como em “Lady Lazarus”, de 1962), Anne Sexton (como em “Esperando morrer”, de 1967), Ana Cristina César (como em “Psicografia”, de 1982).

Mediar Edir Guerra por esses nomes, sem dúvida, auxiliará a leitura de quem tem menos contato com a poesia. E vejamos: convém fazer tal mediação no sentido de que, como há uma poesia que adjetivamos como confessional, nem toda poesia se vale desse tom.

O posicionamento tomado a respeito de alinhar as confissões de *Tardes do nada* em sua primeira parte como algo próprio de quem levou uma vida em que se confessar não poderia ser algo público ou porque pessoalmente era afeita à confissão, bem como o posicionamento sobre ser na vida empírica é uma coisa, e ser na vida artística é outra, assim como o posicionamento de que, conforme Bakhtin, a responsabilidade de ser na vida empírica é responsável pela responsabilidade de ser na vida artística de modo jamais semelhante, no entanto, jamais indiferente, não deixa de ser uma realidade do poder, a realidade daquilo que rege, e não de uma coisa (referente ou referência). Além disso, como Eric Hobsbawm adverte no prefácio de *A invenção das tradições*, uma tradição costuma ser decorrente de práticas mais recentes dadas como tácitas do que de práticas advindas de um pretérito remoto – a poesia romântica de tom confessional tornou a personalidade mais tácita à poesia posterior do que a poesia do Classicismo francês (a exemplo de Louise Labé) e, sobretudo, mais do que a poesia da Antiguidade – a exemplo da poesia de Catulo (século I a.C.) e de Safo (século VI a.C.). Outro exemplo é a invenção da nacionalidade, que decorre do século XIX, valendo-se de interpretações de textos antigos. A partir de tais interpretações, mediante aquele século, a nacionalidade se impôs durante boa parte do século XX como algo vindo de um tempo imemorial. Sobre isso, contemporaneamente, a política protofascista insurgente no Brasil recente pode tomar Edir Guerra como uma poeta à esquerda – independentemente do contrário – por dizer, conforme declara na segunda parte de seu livro, “do nada”, no poema “aos que vierem”:

diga aos que vierem
 que não existe mais afeto
 [...]

diga que a poesia veio
 nas flores da primavera
 mas foi uma floração triste
 [...]

se eles não entenderem
 diga às borboletas amarelas
 e aos mendigos da rua

diga que a justiça claudica
 os irmãos padecem de fome
 e morrem sem esperança

diga aos que vierem
 que espero neles
 eu
 que não os conheci.

Quer dizer, pautada não em um pretérito remoto, mas recente, a insurgente política protofascista, fundamentada em princípios de conduta pública nacionalista e privada familiar, de ordem conservadora, assinala como à esquerda, e até mesmo comunista, qualquer coisa de perfil liberal não conservador ou progressista, como em “aos que vierem”, o tom de sensível irmandade a quem atualmente chamamos de pessoas em condição de rua, de

sensibilidade à contemplação desinteressada (a poesia “nas flores da primavera” e as “borboletas amarelas”) e de crítica ao sistema jurídico claudicante.

Indo à segunda parte, tendo destacado “aos que vierem”, pelo título, “do nada”, pela mediação marcante do poema “nihil”, em geral, os vinte e seis poemas dessa parte de *Tardes do nada* suscitam um tom de niilismo. No entanto, não há uma perspectiva de desconfiança nem cética de aniquilação de valores e convicções. Inclusive, o niilismo no sentido de crítica às concepções mais calcificadas a respeito da realidade também não é visível em “do nada”. O princípio de relativismo constante que abole a verdade também não é próprio dessa segunda parte. Há no conjunto de “do nada” certo tom de ansiedade, de expectativa do porvir mediante um tom de certeza algo que angustiado. Isso pode sugerir o tom de niilismo, mas antes é o tom de melancolia que prevalece, como se emergido a sobrepor-se ao tom de confissão dos poemas de “tardes”. Pode-se observar isso no final do poema “confissão”, que diz: “hoje/ olhos sem luz/ (que um dia se cegaram)/ velho castiçal/ de vermelho quase extinto/ e em cada braço/ a saudade da origem”; no final do poema “tentativas”, que diz: “ninguém ouviu/ mas a interrogação irrompeu na alma/ violentando-a// [...] a dúvida ficou dançando num minuto escoante/ ficou agigantada/ em imagem sem corpo/ e pincelou anos inteiros/ sem uma solução”; de “momento”, que diz: “era a vida/ vagando/ dançando/ em busca da estrela/ que se apagou”; de “se”, que depois de falar de possibilidades sobre lidar mais fácil e felizmente com a vida, encerra-se dizendo: “se tudo assim fosse/ os flancos da alma/ ainda estariam rasgados”; bem como de “canto descolorido”, com o seguinte final: “saí do eu/ numa busca estafante/ tentei das mãos fazer poemas/ e na hora vadia/ só encontrei para amargura/ o vazio do eu/ do eco/ da vida”. Com três estrofes, uma se referindo ao

cantor já sem voz, outra às crianças que não brincam mais, e outra aos homens porque não se ajoelham e choram, cada qual dessas estrofes se encerrando, respectivamente, com os versos “e ninguém sabe”, “e ninguém vê”, “e nada acontece”, o poema “caos” implica a reflexão sobre a existência em tom ainda mais melancólico. Antes da negação, da desconfiança, da crítica ou do enfrentamento dos valores, das convicções e das verdades, esses poemas se marcam por um abatimento e um desencanto, mas não propriamente uma depressão, do sujeito lírico diante da existência humana na realidade. É de notar-se que, um deles, no entanto, escapa, pois é dado em tom, senão, quase de alvissaras – trata-se de “promessa”, que assim se encerra: “continuaremos serenos/ como as árvores que jamais/ se rebelam contra o destino// seremos perpetuados em séculos/ e deixaremos no livro do tempo/ a nossa passagem pela terra”.

Notem: em “tardes”, há frequentemente algo como uma satisfação insatisfeita dada pela memória do que se perdeu mediante o que, pelo menos ao que parece, jamais existiu. Há também algo como um desejo do que não se alcança. Em “tardes”, decerto devido à confissão mediada pelo lamento, há também um tom de melancolia, que se espraia mais marcadamente ao longo de “do nada”. E vejamos: durante o dia, como se sabe, a tarde é o interstício, e mesmo o intervalo de trânsito, da manhã para a noite. Pode-se dizer, pela oposição entre claro e escuro, que a tarde é a extensão da manhã, como a madrugada é a extensão da noite. Contudo, cronologicamente, a tarde é mais próxima da noite como a madrugada é mais próxima da manhã. No entanto, diferentemente disso, a tarde é quando a claridade vai aos poucos perdendo a claridade, enquanto a madrugada é quando a escuridão vai aos poucos ganhando claridade. Nesse sentido, a melancolia se aproxima da tarde, pois é aquele sentimento ou aquela sensação de perda de energia (de luz, de alegria). De tudo, nessa perspectiva,

“tardes”, conforme abordei, está para o tempo, no sentido de uma transição em que havia felicidade (que tem parte com luz) e passa a haver escuridão – daí, o sentimento ou sensação de perda, que leva ao lamento, ao querer fazer e não fazer, ao ver-se antes se vendo no instante simultaneamente se vendo depois. Decorrente à consciência disso, entre “tardes” e “do nada”, Edir Guerra produz em seu livro um conjunto de imagens do presente mediante um pretérito perdido com vistas a um futuro vazio.

Devido à imagem do vazio, não me parece arriscado dizer que enquanto “tardes” está para o tempo, “do nada” está para o espaço. Como vazio implica o espaço de qualquer lugar de um continente sem conteúdo, implica também o espaço de lugar nenhum. Mas se o verbo pode se abster do advérbio, a recíproca não é verdadeira. Quer dizer, o lugar, como no caso de *Tardes do nada*, não pode se abster do tempo. Além disso, depois de apresentar um eu todo envolto em sentimento ou sensação, Edir Guerra, em “do nada”, apresenta um eu mais envolto em razão – conforme, diferentemente do que fez em “tardes”, diz na abertura de “do nada”, citando Pascal em epígrafe a respeito de o gênero humano não ser fruto da cepa mais frágil da natureza por ser um fruto pensante. De todo modo, além do poema de abertura da segunda parte de *Tardes do nada*, e não somente pelo título, “confissão”, o tom confessional não se perde em “do nada”, mesmo quando expressado de maneira muito sutil, a exemplo de “reflexões”, pela embreagem da primeira para a terceira pessoa, com esta significando aquela, conforme a segunda estrofe, que diz: “agora a reflexão/ a saudade da perfeição/ a lembrança da infância/ que permanece esboçada/ nas rugas da face”, que ecoa o início de “confissão”, e por este, ecoa “donde vim”, tanto em tom confessional quanto melancólico, sugerindo o tom de lamento. Sobretudo, o tom de confissão fica registrado em “engano”. Das quatro estrofes desse poema, as

três primeiras são abertas com sentenças confessionais, as quais, respectivamente, são: “minha cabeça está cheia/ de imagens quebradas”, “tentei reconstruir” [as imagens quebradas] e “reuni outras imagens/ quebradas/ velhas”. Em seus sete versos, a última estrofe, justamente no ponto medial, o quarto verso, expressa-se marcando o tom de confissão, dizendo “vi que não eram” – forma tão anafórica, por retomar os três versos anteriores, “até o dia/ em que ajoelhada/ ou de olhos parados”, quanto catafórica, por apontar para os três versos posteriores: “imagens quebradas/ porém cacos esparsos/ sem conexão”.

Para mais devidamente relacionar o trânsito entre “tardes” e “do nada”, no limite, o que me parece mais viável é observar que o poema que abre aquela parte, “donde vim”, e o poema que abre esta parte, “confissão”, são gêmeos algo que bivitelinos. Observem: “donde vim”, apesar de implicar objetivamente um lugar, que em tudo é qualquer (ou nenhum), implica antes um quando, um tempo em que, mesmo sob a escuridão (a noite), havia luz. Esse poema fala de quando havia tudo muito visível, muito claro (“grilos intermináveis”, “estrelas/ (as mais puras)”, “a voz dos homens”, “pianíssima” e a “paisagem” de “brancos rostos”, “rios tantos”, cortando “a terra vermelha” e correndo “cantando/ para o mar”, “espumas [que] eram essências”, “cada gota d’água/ uma lição”, “a lua [...] mais linda/ que estórias e mitos”, “a solidão [que] não existia” etc.). Assinalando definitivamente antes um quando do que um onde, esse primeiro poema de “tardes” termina com o eu dizendo que “já em mim/ nem se encontram vestígios/ donde vim”. Por sua vez, “confissão” diz, já no primeiro verso, “na volta”. Esse poema, bem mais breve do que “donde vim”, com a metade (ou quase) da extensão, é uma declaração do eu de *Tardes do nada* sobre que de onde (do lugar) que veio havia claridade (luz), como: “tocha vermelha/ mais clara que as auroras”. Na sequência,

como se fizesse uma apóstrofe, o eu diz: “– do que conheci/ não me perguntem”. Ora, vejam, esse eu, que é ela, porque não deixa de marcar-se no feminino, já havia dito ao final de “donde vim” que não lhe restaram sequer vestígios de sua origem – e isto, a origem, não é somente um quando, um tempo, uma época, é também um lugar, um espaço (ainda que qualquer ou nenhum). No conjunto, não ter mais vestígios corresponde ao que diz a abertura da terceira estrofe de “confissão”, em seus três versos iniciais: “hoje/ olhos sem luz/ (que um dia se cegaram)”. Nota-se, e espero que notem, que este poema, “confissão”, é outra imagem (gêmea) do poema “donde vim”, disposto em um tempo (hoje – quando termina “donde vim”). Mas agora prioritariamente mediante um espaço, conforme o segundo verso do poema: a “cidade onde me plasmei”. Notavelmente, “confissão” termina com um verso de implicância duplamente temporal e espacial, que recobra o tom de confissão (e, de certo modo, de lamento) de “tardes”: “a saudade da origem”, ou seja, “donde vim”.

Destaco que poemas gêmeos tendem ao limite bivitelino, quer dizer, não se repetem *ipsis litteris*, de modo univitelino, nem se desdobram em corpos idênticos a partir de um mesmo junco como gêmeos xifópagos. Esse segundo caso gemelar em poesia somente é conhecido no soneto *rapporté* e na coroa de sonetos. A exemplo dos “sonetos gêmeos” de *Invenção de Orfeu*, de Jorge de Lima, poemas gêmeos são bivitelinos, geram imagens distintas a partir de uma mesma ideia, sentimento, sensação ou percepção. Apesar disso, no ensaio “O soneto inovador de Jorge de Lima”, Fábio Lucas chama os “sonetos gêmeos” – que são o IV e o V do Canto II, “Subsolo e supersolo”, de *Invenção de Orfeu*, de xifópagos. Seria demasiado desvio mostrar que o ensaísta, pelo argumento de que o sentido do primeiro soneto não se conclui, uma vez que a conclusão daquele se espraia para o soneto subsequente, não é

um caso de xifopagia, pois, nos tais sonetos de Jorge de Lima, um não é lido pelo outro de retorno – conforme se pode ler em um soneto *rapporté* (distribuído em três colunas de metro igual a somar um alexandrino, de sorte que da primeira para a terceira coluna o soneto produz o mesmo sentido da terceira para a primeira, sendo a segunda coluna o junco comum, a liga siamesa), nem conforme se pode ler em um coroa de soneto, em que o primeiro verso do primeiro soneto é retomado no primeiro verso do segundo soneto, o segundo verso deste é retomado no primeiro verso do terceiro, e assim sucessivamente até que se chegue ao décimo quinto soneto (o junco comum) formado por todos os versos dos catorze sonetos anteriores.

Parece-me conveniente dizer que há, no conjunto de *Tardes do nada*, um recurso de composição do todo de modo gemelar. Isso, no entanto, para ser pertinente, não se limita a “donde vim” e “confissão”, inclui “despedida”, cujo título, de maneira muito simbolicamente marcada, indica o fim, pois é o último poema do livro. O poema “despedida”, ecoa “confissão”, que por sua vez ecoa “donde vim”, ainda que aquele, mantendo o tom de confissão e de melancolia, e, de certo modo, de lamento – por dizer, já nos dois primeiros versos: “partirei como/ os que nunca existiram” –, recobre “promessas” pelo tom de alvíssaras – por dizer, na terceira estrofe: “deixarei/ às rosas que dançam ao vento/ a minha eternidade”, e mais ainda na quarta (a última) estrofe: “partirei/ tão simplesmente/ que todos pensarão/ num voar de pássaros/ em manhã de sol”. Em tudo, “despedida” não apenas encerra o livro com um título simbolicamente marcado, nem apenas reverbera os tons mais assinalados (confissão, lamento e melancolia), assim como não apenas ecoa “confissão” ecoando “donde vim”, mas principalmente, com esses dois poemas, junte o conjunto de *Tardes do nada*, de sorte que esses três poemas fazem o livro avançar e

retornar no conjunto dos tons, dos sentidos e das imagens.

Convém ainda destacar que no já citado “aos que vierem” intriga que a complacência sobre quem vive na mendicância, com mendigos chamados de irmãos, repita-se somente no poema “expressão”. No entanto, por mais que isso possa parecer uma escolha de tom de perfil político, em Edir Guerra é, principalmente, uma escolha consequente ao vazio sentimental produzido em “tar-des” que se desdobra, como recurso à poesia de cunho meditativo, em vazio reflexivo – e isso não em um sentido no qual falta o raciocínio, mas pelo contrário, em que a razão se excede até que, como se em uma tautologia, sentimento terminasse em razão e vice-versa, como se nada desse em tudo e também vice-versa. Ou, em termos já apresentados, o espaço jamais pudesse ser visto fora do tempo com uma recíproca verdadeira. Logo, o irmanar-se a quem mendiga está, no livro de Edir Guerra, especificamente em “do nada”, mais para uma consciência que se demonstra mediada pela miserabilidade do existir do que para uma complacência a pessoas em condições de rua.

Para encerrar esta apresentação, é conveniente recorrer ao poema “nihil”, que de latim para português (ou qualquer outra língua) implica, em geral, objetivamente em “nada”. Antes disso, lembrem-se: o tom de confissão não desaparece em “do nada”. Ele apenas se torna, para retomar Bakhtin, mais discursivo, uma vez que menos se forma em expressividade poética para restar (ou se ampliar) em dizer. Por sua vez, o tom de lamento se inclui no mesmo efeito, pois, em “do nada”, refletir, meditar, recorrer ao humano sobretudo como pensante, implicando nisso que o existir esbarra no vazio, a simultaneidade dos tempos e dos espaços, se não realiza, simula realizar a anulação dos tempos e dos espaços. O poema “nihil” é uma das melhores imagens do nada que já li – e nisso vai a escolha (única no livro) do termo em latim, como se

a poeta tivesse pretendido evitar variações de entendimento. Os dois versos iniciais do poema – com apenas três estrofes – combinados, entre reticências de citação, aos dois versos finais, fazem a síntese do que é o nada: “este é o poema/ do malogro [...]// de sonho/ que não se realizou”. No conjunto, o poema é um espaço do acontecer de algo (o entendimento do real vivido ficcionalizado pelo poder dizer para poder realizar). O malogro, por sua vez, é o aspecto desse espaço, que resulta em um tempo jamais realizado, mas que transcorreu – a exemplo “de soluços/ dos que tombam entristecidos” (como os “irmãos-mendigos” de “expressão”, e, de certo modo de “aos que vierem”).

Tardes do nada chama para o entendimento da responsabilidade de ser em sentimento ou sensação (pelo lamento da perda, e sobretudo pela confissão) sem ignorar a razão, ainda que esta resulte em fadiga, em abatimento (dando em melancolia), como mútua responsabilidade. Considero que o vazio espacial sugerido ao longo de “do nada” decorre da falta ou do perdido no tempo de “tardes”. No contexto da poesia feita em Goiás durante a década de 1960, não há livro nem sequer conjunto de obra com esse perfil. No entanto, decerto pelo não andamento da produção nesse sentido, e mais ainda pela falta de fortuna crítica sobre Edir Guerra e *Tardes do nada*, essa poesia não fez escola em Goiás. Contudo, conforme destaquei, é uma poesia que se alinha a uma tradição do Ocidente, que inclui nomes de referência na poesia brasileira, como Manuel Bandeira e Ana Cristina César.

JAMESSON BUARQUE

Professor de Teoria, Crítica, Ensino e Escrita Literária da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás. e, atualmente, diretor dessa faculdade. Poeta, autor de vários livros.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS

Reitor

Jerônimo Rodrigues da Silva

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

Paulo Francinete Silva Júnior

Coordenadora da Editora

Vanderleida Rosa de Freitas e Queiroz

Conselho editorial

Carlos de Melo e Silva Neto

Fábio Teixeira Kuhn

Fernando dos Reis de Carvalho

Lucas Nonato de Oliveira

Maria Aparecida de Castro

Maria de Jesus Gomides

Rita Rodrigues de Souza

Tânia Mara Vieira Sampaio

Vanderleida Rosa de Freitas e Queiroz

Coordenação da Coleção Artífices

Olliver Mariano Rosa

Marcela Ferreira Matos

Goiandira Ortiz

Digitação da obra original

Isabel Luísa Sampaio

Revisão

André Ferreira de Souza Abbott Galvão

Projeto gráfico e capa

Pedro Henrique Pereira de Carvalho

Diagramação

Fabricio Viera de Oliveira (Editora IFPB)

Renata Rosa Franco

Formato 150 x 210mm

Tipografia Helvetica Neue Bold 12/14 (títulos)
Mrs Eaves OT Roman 11/16 (texto)

Papel Pólen 80 g/m² (miolo)
Cartão Supremo 300 g/m² (capa)

Tiragem 750 exemplares

Conselho científico

Adelino Cândido Pimenta (IFG)

Albertina Vicentini Assumpção (PUC/GO)

Alice Maria de Araújo Ferreira (UNB)

André Luiz Silva Pereira (IFG)

Angel José Vieira Blanco (IFG)

Antônio Borges Júnior (IFG)

Camila Silveira de Melo (IFG)

Cândido Vieira Borges Júnior (UFG)

Carlos Leão (PUC/GO)

Celso José de Moura (UFG)

Clarinda Aparecida da Silva (IFG)

Cláudia Azevedo Pereira (IFG)

Dilamar Candida Martins (UFG)

Douglas Queiroz Santos (UFU)

Gláucia Maria Cavasin (UFG)

Jullyana Borges de Freitas (IFG)

Jussanã Milograna (IFG)

Kellen Christina Malheiros Borges (IFG)

Kenia Alves Pereira Lacerda (IFG)

Liana de Lucca Jardim Borges (IFG)

Lídia Lobato Leal (IFG)

Lillian Pascoa Alves (IFG)

Manoel Napoleão Alves de Oliveira (IFG)

Marcelo Costa de Paula (IFG)

Marcelo Firmino de Oliveira (USP)

Maria Sebastiana Silva (UFG)

Marshal Gaioso Pinto (IFG)

Marta Roverly de Souza (UFG)

Mathias Roberto Loch (UEL)

Maurício José Nardini (MP/GO)

Pabline Rafaella Mello Bueno (IFG)

Paulo César da Silva Júnior (IFG)

Paulo Henrique do Espírito Santo Nestor (IFG)

Paulo Rosa da Mota (IFG)

Rachel Benta Messias Bastos (IFG)

Ronney Fernandes Chagas (IFG)

Rosana Gonçalves Barros (IFG)

Simone Souza Ramalho (IFG)

Waldir Pereira Modotti (UNESP)

Walmir Barbosa (IFG)

*Há de vir
Um pássaro molhado
Buscando um ninho
E cantando tremulamente
O sonho perdido*

A COLEÇÃO ARTÍFICES

COMO OS ESTREANTES NA POESIA, eram também aprendizes muitos dos que trabalharam na arte da tipografia para compor a mancha gráfica dos poemas e das narrativas impressas na gráfica da ETG/ETFG dos anos 1940 aos anos 1970. Cá e acolá catam-se gralhas e pastéis, comuns ao ofício na linotipo, mas os erros tipográficos não nos impedem de ler e de apreciar as palavras reveladas pela mãos dos artífices da prensa. A eles temos de prestar uma justa homenagem, porque nos legaram a possibilidade de conhecer livros que poderiam ter restado no silêncio.

Numa ou noutra das obras desta coleção, alguns poderão acusar fragilidades poéticas ou mesmo ideias anacrônicas, contudo ninguém poderá retirar-lhes o mérito de ter contribuído para edificar e fortalecer a literatura goiana e, assim, para promover a leitura literária em Goiás – movimentos imprescindíveis para a valorização intelectual de nosso povo. Não vacilamos em convidar os prezados leitores, sobretudo os estudantes, a, com os olhos no futuro, folhearem cada uma das obras, sorvendo, sondando, desnudando a memória, a cultura, a história que nestas páginas existem.

